

Mesmo após a morte, Crowley conseguiu provocar alvoroço. Aos 72 anos, começou a prostrar-se, e a bronquite causava mais problemas do que normalmente; morreu em 5 de dezembro de 1947. Louis Wilkinson, o romancista (e amigo íntimo dos Irmãos Powis, uma família de magos), leu em voz alta seu *Hino a Pan*, no funeral; trata-se de uma peça fálica, alegre e desavergonhada como se poderia esperar de Crowley. O Conselho do condado de Brighton se manifestou, afirmando que tomaria as providências cabíveis para que tais incidentes não se repetissem jamais.

8.

DOIS MAGOS RUSSOS

Poderes ocultos parecem ser uma questão de temperamento nacional. Premonição e telepatia são naturais para os irlandeses. Os alemães têm mais astrólogos de talento do que outras nações.* A Holanda nos deu dois dos mais talentosos videntes deste século: Croiset e Hurkos. A Rússia tende a produzir magos — homens ou mulheres que impressionam pela força espiritual. Nenhum outro país possui o equivalente espiritual de Tolstói e Dostoiévski, ou mesmo de Rozanov, Merezhkovski, Soloviev, Federov, Berdaev ou Shestov. Seguramente nenhum outro país deu ao mundo alguém que chegasse aos pés de Madame Blavatsky, Gregori Rasputin ou George Gurdjieff. Cada um deles constitui um caso extraordinariamente excepcional.

Rasputin tem a peculiar característica de induzir à inexactidão desavergonhada todos os que escrevem a seu respeito. Mesmo E. M. Butler, o equilibrado historiador de rituais mágicos, consegue reunir umas dez imprecisões nas três páginas que dedica a ele em *The Myth of the Magus*. Eis um exemplo: "O frenesi que induzia em si mesmo e em seus seguidores, o inebriado estado de êxtase, a aflição, a libertinagem, a mistura de crueldade, amor e lascívia representam uma repetição eslavônica degradante e demoníaca, maníaca mesmo, dos ritos dionisíacos da Grécia." Tudo nessa frase é inverdade, ao menos enquanto aplicada a Rasputin. Também é falso que a palavra *Rasputin*, como ele diz, significa *dissoluto* — fosse o caso, não há dúvida de que ele teria tido a sensatez de mudar o nome no início da carreira. *Rasputin* significa *cruzamento de estradas* e é sobrenome tão comum da cidadezinha onde nasceu, Pokrovskoe, quanto Smith nos Estados Unidos.

A verdade sobre Rasputin é simples e desprovida de sensacionalismo; no entanto, à sua maneira, é mais extraordinária do que tudo que já vimos até aqui. Ao contrário da maioria dos magos, ele não tinha absolutamente nada de charlatão. Era um místico religioso como Boehme ou Saint-Martin. Filho de

* Ver *Urania's Children: The Strange World of the Astrologers*, de Ellic Howe, 1967.

Rasputin
um camponês siberiano, provavelmente herdeiro distante dos xamãs da Sibéria, Rasputin foi carroceiro na adolescência, e tinha fama de briguento. Um dia levou em seu veículo um jovem noviço a um mosteiro, e se impressionou de tal forma com o lugar que acabou ficando por quatro meses. Depois voltou para a vida de bebida e mulheres. Por volta de 1890, aos 20 anos, casou-se com uma moça quatro anos mais velha. O primeiro filho morreu ainda bebê, e Rasputin de novo ouviu o chamado da religião. Depois de ter uma visão em que a Virgem lhe acenava, partiu em peregrinação ao Monte Atos, na Grécia. Ao voltar, dois anos passados, era outro homem. Construiu um pequeno oratório no quintal e passava os dias a orar. Espalhou-se pelo lugar sua fama de santo, e logo ele estava organizando cultos e pregando para enlevados fiéis da aldeia. O padre do lugar sentiu-se despeitado, naturalmente, e informou ao bispo de Tobolsk que Rasputin realizava ritos orgiásticos, sendo ainda membro da Khlysty, equivalente russo da Igreja do Milênio ou Manipuladores de Serpente, dos Estados Unidos. Dessa história já se aproveitaram com exultação todos os seus biógrafos, que competem entre si na parte das invenções fantasiosas. Mulheres nuas dançam ao redor de imensa fogueira, enquanto Rasputin grita: "Pecado — só pecando se atinge a santidade." Em seguida, homens e mulheres rolam pelo chão e copulam com quem estiver mais próximo, enquanto Rasputin possui as irmãs, uma após a outra (ele não tinha irmãs). Até Aldous Huxley se deixou levar por esse absurdo criado pela imprensa, e repete a história no ensaio sobre Rasputin. Nada é mais seguro do que o fato de as reuniões religiosas promovidas por Rasputin terem sido inofensivas em todos os sentidos. O bispo de Tobolsk mandou investigá-las, e nada descobriu que fosse exceção a isso. É bem possível que tenha abraçado quaisquer discípulas que tenham desejado um contato mais próximo. Afinal, tinha ainda vinte e poucos anos, e seu cristianismo era permeado de um misticismo à Whitman, o sentimento de que "tudo que vive é sagrado". Mas não era charlatão ou vigarista — durante a vida inteira sempre deu em forma de esmolas as grandes quantias em dinheiro que recebia de admiradores.

No curso de suas andanças, começou a desenvolver notáveis poderes de taumaturgia. No meu livro sobre Rasputin,* resalto os paralelos com Mary Baker Eddy e seu professor, Phineas Quimby. Quimby achava que todos os seres humanos têm esses poderes, e que é uma simples questão de desenvolvê-los. Acreditava também que a cura pode ser efetuada tão facilmente à distância quanto de perto. Isto porque, para ele, sua cura se dava pelo poder de Deus — ou, mais especificamente, de Jesus. O mesmo também ocorria com Rasputin. Suas curas dependiam em grande parte de ele ajoelhar-se ao lado da cama do doente, para rezar. A oração produzia o efeito de liberar os poderes do otimismo, a "consciência positiva"; ele sentia o êxito de uma tal operação como uma sensação de poder extravasado, de alívio interior. E embora não se possa dizer que Rasputin seria incapaz de curar não fosse ele religioso — a cura

* *Rasputin and the Fall of the Romanovs*, Londres e Nova York, 1964.